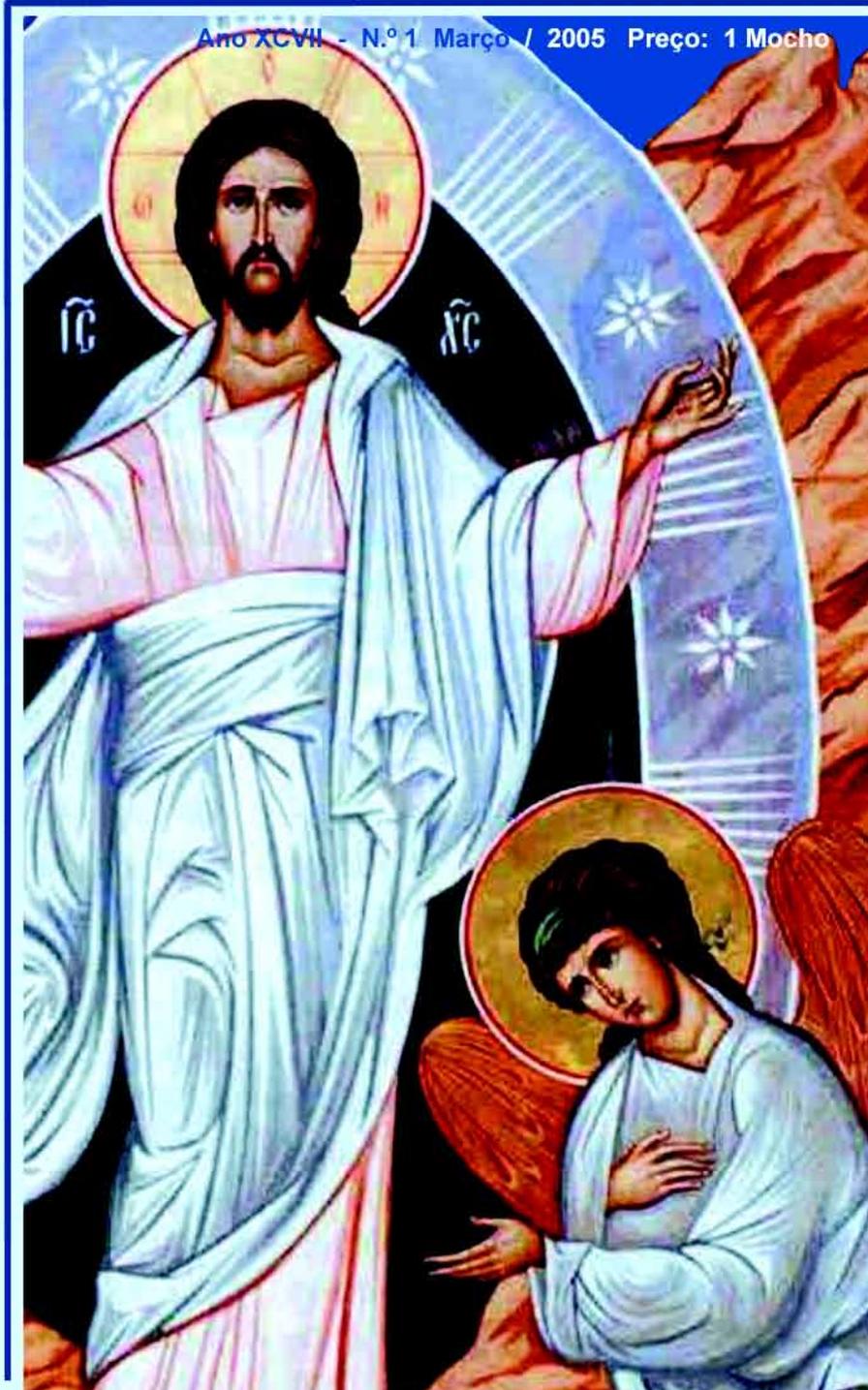
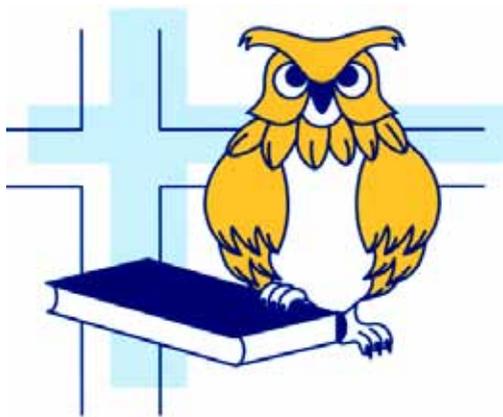




ECOS da Via-Sacra

Ano XCVII - N.º 1 Março / 2005 Preço: 1 Mocho





ÍNDICE

página

Editorial	3
Notícias do Colégio	4
Entrevista com ...	11
Espaço para a Escrita	15
Na Rota do Património	18
Coisas da Física...	21
Química Divertida	22
Um Olhar sobre	23
Mergulhar nos Livros	27
9.º Ano... e Agora?	28
Hora do Recreio	30
Agora Falam os Pais	32
Tema do Ano	35
“Echos” do Passado	36

Agenda de Actividades

18 DE MARÇO — FESTA DA PÁSCOA

Igreja do Seminário Maior, 11.00 horas
Eucaristia

Colégio da Via-Sacra, 14.00 horas
Jogos da “ Paz sem Fronteiras”

Ecos da Via-Sacra

Revista do Colégio da Via-Sacra
Ano XCVII – N.º 1 Março/2005

Periodicidade
Trimestral

Director
P.º António Pereira Felisberto
Director de Redacção
Prof. Nélson Marques

Redacção
Clube de Jornalismo
5.º A: Jorge Lopes
5.º B: Ana Assis, Beatriz Costa, Inês Sousa,
Mariana Mercatelli, Mariana Marques, Ricardo
Afonso
6.º B: Pedro Carvalho, José Marques
8.º B: Pedro Amaro

Direcção Gráfica
Prof.ª Carla Pinto
Impressão
Novelgráfica
Rua Capitão Salomão, 121-122
Viseu

Tiragem
800 exemplares

COLÉGIO DA VIA-SACRA

V I S E U



Páscoa. a Paz sem Fronteiras!

“A Paz esteja convosco” (Jo. 20, 19)



Na aparição de Jesus Ressuscitado aos discípulos, o Senhor usa três vezes esta saudação apenas em dez versículos (Jo. 20, 19-29). Poderíamos perguntar porquê: falta de imaginação, tradição, ou mais do que isso? Não será mesmo que o Senhor Ressuscitado tem a consciência de que este é o maior dom que se pode oferecer e que Ele pode e quer legar aos seus discípulos logo após a ressurreição?

Poderíamos enumerar uma infinidade de factores que perturbam a Paz e que têm origem na fragilidade humana, na maldade, no egoísmo, no medo e na morte. Esta (Cf. 1 Cor. 15, 26), como último inimigo da tranquilidade, da Paz e da Vida do Homem, é destruída por Jesus Cristo precisamente com a sua morte e ressurreição. Daí o desejo que fazemos em relação aos defuntos: que descansem em Paz.

Celebrar a Páscoa é celebrar esta vitória da vida que torna a Paz possível. Esta última “fronteira” que é a morte foi desfeita e, com ela, outros limites podem ser ultrapassados, e é-nos possível sonhar e realizar a vocação humana de Comunhão, de Fraternidade e de Paz.

Nós, cristãos, somos testemunhas de Jesus Cristo Ressuscitado e discípulos seus na construção de um mundo de Paz, que assenta na vida, na verdade e não na confusão e na morte.

Assim, caríssimos alunos e alunas do nosso Colégio, vale a pena, nesta etapa da vossa vida, crescerdes unidos a Jesus Cristo, que tem a resposta aos desejos mais profundos do vosso coração.

Aos pais, professores e demais educadores deixava também este voto por um compromisso cada vez maior com Jesus Cristo, que é o grande facilitador de toda a tarefa educativa em direcção à Paz.

Um Santa Páscoa, no amor e na Paz de Cristo Ressuscitado!

P.º António Felisberto
Director do Colégio da Via-Sacra

Celebração do Natal

Na noite do dia 16 de Dezembro, a igreja do Seminário Maior de Viseu tornou-se pequena para todos aqueles que assistiram ao Concerto de Natal. A adesão do público foi enorme e, a crer nas reacções de todos, foi um espectáculo memorável. Neste ano lectivo, o Concerto teve alguns ingredientes especiais que o tornaram original e um pouco diferente das edições anteriores. Ao coro, à orquestra de flautas e ao ABC do Teatro, juntou-se a voz do professor João Modesto, com uma participação especial no tema “Espírito de Natal”. Além disso, toda a actuação teve como cenário um conjunto de imagens projectadas que deliciaram a assistência. Todo o Concerto seguiu um programa coerente que pretendeu realçar o papel do nascimento de Cristo nas nossas vidas: caos, criação, anunciação, nascimento de Jesus, anúncio dos pastores, encontro com o menino, hoje... e boas festas.

Parabéns por este espectáculo que, certamente, ficará retido na memória de todos aqueles que participaram e assistiram.



No último dia de aulas do primeiro período, a comunidade escolar do Colégio celebrou num espírito de paz e alegria o Natal. O dia começou bastante cedo. Logo pela manhã, professores e alunos dialogaram sobre o sentido do Natal com a ajuda das palavras do professor Davide Costa. Seguiu-se a eucaristia e depois o almoço. Na parte da tarde, a festa prosseguiu no Auditório do Centro Pastoral com o sarau de Natal, que teve início com a encenação da peça “Os Melhores Alunos de Sempre”, por parte dos professores. O desempenho destes e a caracterização algo excêntrica de algumas professoras granjearam os risos e os aplausos de toda a assistência. A festa prosseguiu com a animação proporcionada pelos diversos clubes e pelas turmas que aderiram à festa. É de realçar a participação da Tuna do Colégio, que apareceu renovada em palco por novos trovadores e trovadoras. A festa terminou com a chegada do Pai Natal, que motivou desde logo a agitação entre todos os alunos, pois todos queriam a sua lembrança natalícia.

No dia 16 de Fevereiro, o Colégio recebeu a visita da televisão.

A equipa de reportagem do programa de televisão dedicado ao desporto escolar, transmitido na 2; aos sábados à tarde, veio ao Colégio.

Naquela quarta-feira, entre todos os alunos que frequentam os diversos clubes e actividades do Desporto Escolar gerou-se uma enorme expectativa, pois sabiam que aquele dia era especial. Foi com entusiasmo e equipados a rigor que todos

os alunos receberam a vinda das câmaras. Os jornalistas fizeram entrevistas, filmaram os jogos de futebol e de andebol, espreitaram os treinos das restantes modalidades que entretanto decorria. No final, a impressão causada nos repórteres foi, como não podia deixar de ser, bastante positiva. Somos, sem dúvida, uma escola em movimento!!!



Festa de Carnaval

No dia 4 de Fevereiro, depois do almoço, a azáfama era enorme, e, pela indumentária e caracterização de muitos dos nossos colegas, constatámos que se tratava de uma tarde algo diferente. Preparavam-se todos para o desfile de Carnaval, que este ano contou com a participação de quase 60 foliões. Parabéns a todos, pois foi notório o esmero e a dedicação no vosso disfarce de Carnaval. Nem todos puderam, contudo, sair vencedores. A festa continuou com o Baile de Carnaval, onde foram anunciados os vencedores e aos quais coube a tarefa de abrir o baile ao som de samba. Seguiu-se o jogo de futebol entre professores e alunos, donde se destacou o convívio e a sã competição entre todos os jogadores. Para o ano, ficamos à espera que as senhoras quebrem a tradição e possamos assistir a um carnavalesco jogo de futebol entre professoras e alunas!



A propósito do Dia Internacional da Água

Contrato Ecológico

Pelos alunos do 8.º C



No dia 13 de Janeiro de 2005, a Turma do 8.º C realizou, na aula de Formação Cívica, um debate sobre as medidas que cada um de nós está a tomar no sentido de preservar o planeta Terra. No decorrer deste debate, constatámos que, dos 27 alunos da turma, apenas 3 implementavam, no seu dia-a-dia, medidas concretas que visavam a preservação do planeta Terra.

Tentando solucionar esta nossa falta de empenho na preservação do planeta, elaborámos um contrato ecológico, com 15 medidas, 6 das quais são referentes à água:

1. Utilizar produtos “amigos do ambiente”;
2. Tomar duche em vez de banho de imersão;
3. Ao lavar os dentes, não deixar a água da torneira a correr;

4. Vigiar sempre as fugas de água das torneiras;

5. Só fazer a descarga total do autoclismo quando for mesmo necessário;

6. Lavar, preferencialmente, a louça e a roupa à mão.

Este contrato foi assinado por todos os alunos e pela nossa Directora de Turma. Levámos para casa uma cópia do referido contrato, para que nunca nos esqueçamos das medidas que temos de cumprir e, ao mesmo tempo, para que os nossos pais nos possam ajudar a cumpri-las.

Uma semana após o contrato ter sido assinado, fizemos o balanço na turma, para ver se já tínhamos melhorado significativamente a concretização das medidas delineadas. Todos nos surpreendemos pela positiva, pois dos 27 alunos da turma já 20 estavam a cumprir a maior parte das referidas medidas.

A partir desta data, vamos todos tentar melhorar mais, pois é o nosso futuro que está em jogo, e a água é um bem essencial para a sobrevivência de todos os seres vivos, e que precisa de ser preservada.

Com um bocadinho de esforço, de coragem e — o mais importante! — de iniciativa, todos nós podemos contribuir para um mundo melhor. Penso que a minha turma está a dar um pequeno passo. Porquê esperar mais? No dia 22 de Março, comemora-se o Dia Internacional da Água. Não seria uma boa altura para se juntar à nossa iniciativa?

Joana Santos, 8.º C

A água é essencial para os ecossistemas saudáveis, contudo, demasiadas vezes e em demasiados lugares, a água é desperdiçada, contaminada ou considerada um bem adquirido.

Na esmagadora maioria dos casos, são os pobres dos países em desenvolvimento quem mais sofre com isso, pois são eles que carecem de acesso à água potável, e são sobretudo as crianças as mais afectadas, que morrem aos milhares todos os dias. No ano de 2000, os líderes mundiais reconheceram que a água tem uma importância crucial para o desenvolvimento humano e comprometeram-se a adoptar uma agenda que incluía metas precisas e prazos definidos, a fim de tentar resolver os problemas actuais e futuros da água potável do planeta Terra. Cabe, também, a cada um de nós ajudar a cumprir as referidas metas, que visam a preservação da qualidade da água potável.

Ana Faria, 8.º C



A ÁGUA

A água é fundamental
Para podermos viver,
Não há “sabor” igual,
Que alimente o nosso ser.

**Todos os seres vivos
Dos maiores aos mais pequenos
Dizem obrigado à água
Por lhes dar lugares amenos.**

**É preciso, porém,
A água economizar,
Ensina os outros também
Que o segredo é poupar.**

**A água pode ser
Transparente ou poluída,
Tem muito cuidado,
Para que não te falte na vida.**

Joana Margarida, 8.º C



Ténis de Mesa

Infantis

Colégio da Via-Sacra vs Escola Castro Osório – 4-0

Colégio da Via-Sacra vs Escola de Campo de Besteiros – 4-0

Colégio da Via-Sacra vs Escola de Oliveira de Frades – 4-1

Iniciados

Colégio da Via-Sacra

(apurado para a fase regional)

Andebol

Infantis masculinos

Escola de Mões vs Colégio da Via-Sacra – 10-14

Colégio da Via-Sacra vs Escola de Azenda – 16-11

Iniciados masculinos

Colégio da Via-Sacra vs Escola Fortunato de Almeida – 34-15

Escola de Mundão vs Colégio da Via-Sacra – 4-30

Futsal

Infantis masculinos

Escola do Viso vs Colégio da Via-Sacra – 7-1

Colégio da Via-Sacra vs Escola de Silgueiros – 7-5

Iniciados masculinos

Colégio da Via-Sacra vs Escola Jean Piaget – 5-4

Colégio da Via-Sacra vs Escola de Sátão – 4-3

Escola de Mundão vs Colégio da Via-Sacra – 3-3

Iniciados femininos

Colégio da Via-Sacra vs Escola Azeredo Perdigão – 5-4

Escola Grão Vasco vs Colégio da Via-Sacra – 1-1

Escola Azeredo Perdigão vs Colégio da Via-Sacra – 2-1



FRANASEGUROS
Mediação de Seguros, L.da

Av. Cidade de Aveiro - Urb. Quinta do Olival
Lt 13 - R/C Dto. Post - Fr. - F - 3510-720 VISEU

Tel./Fax: 232 44 85 08

Email: fanciscojamaral@portugalmail.pt



A Desportiva Viseense, Lda

Artigos para Desporto

Lojas:

Av. Alberto Sampaio, 58-61
Telef. 232 437 208
3510-030 VISEU

DESPORTIVA II
Rua Direita, 96
Telef. 232 435 174
3500-115 VISEU

Equipa de futebol feminino

Ana Marie (Nani), capitã de equipa



Clube de Jornalismo — Quais os objectivos da equipa para este ano?

Nani — Aprender mais sobre futebol, jogar bem, tendo sempre a vitória como meta e, acima de tudo, divertirmo-nos.

CJ— Como têm corrido os últimos jogos?

N— Têm corrido bem, apesar de não termos arrecadado a vitória em todos eles. Porém, não é algo que nos afecte; temos sempre pensamento positivo e acreditamos sempre que vamos fazer melhor.

CJ— Certamente que existe muita união entre as jogadoras. Fala-nos do ambiente que existe nos treinos, nos jogos, nos diversos momentos que a equipa partilha...

N— Sim, é verdade que existe muita união entre as

jogadoras. Procuramos sempre relacionar-nos bem, respeitar-nos e divertir-nos. Quando há uma situação menos boa, tentamos minimizá-la. Considero que existe um grande espírito de equipa.

CJ— Como é o relacionamento com o treinador?

N— É fantástico! Há uma grande cumplicidade entre nós, jogadoras, e o professor Sérgio.

CJ— Enquanto capitã, quais são as tuas responsabilidades dentro de campo?

N— É muito relativo especificar as minhas responsabilidades. Acho que cada jogadora, quando entra em campo, sabe o que lhe compete e as responsabilidades básicas que tem. Por vezes, quando há uma exaltação por parte de uma colega, tento acalmar a situação... Mas penso que são acontecimentos normais

de um jogo de futebol.

CJ— Existe ainda aquela ideia de que o futebol é só para homens. O que achas disso?

N— Sim, é verdade que existe essa ideia. Porém, acho que a participação feminina no futebol é cada vez mais evidente, o que é bastante bom!

CJ— Qual é, para ti, a melhor selecção de futebol feminino do mundo?

N— Bem, acho que quanto a isso não há muito a dizer... É a do Colégio da Via-Sacra! (risos)

Clube de Jornalismo



Da esquerda para a direita, em cima: Maria Carolina, Joana Isabel, Anaísa, Nani, Diana, Carolina, Filipa, prof. Sérgio Silva; em baixo: Leonor, Rita, Ana Luís, Tânia, Marta.

Corta-Mato



Na manhã do dia 15 de Dezembro, teve lugar, no Parque do Fontelo, a prova de corta-mato do Colégio da Via-Sacra. Participantes e assistentes proporcionaram uma ambiente de festa e convívio onde não faltaram sorrisos, palmas e felicitações. Mas, porque também se tratava de uma competição, foi visível nos rostos dos atletas o espírito de sacrifício, de determinação, no fundo, a ânsia de vencer. Saudações a todos os participantes e em especial àqueles que conseguiram chegar ao pódio.

Classificações

/Infantis A femininos

- 1.º Classificado: Maria Lopes, 5.ºB
- 2.º Classificado: Sara Figueiredo, 5.ºC
- 3.º Classificado: Ana Raquel Fernandes, 5.ºC

/Infantis A masculinos

- 1.º Classificado: José Maria Pereira, 5.ºA
- 2.º Classificado: Paulo Jorge Correia, 5.ºC
- 3.º Classificado: Rafael Rodrigues, 5.ºC

/Infantis B masculinos

- 1.º Classificado: André Santos, 7.ºC
- 2.º Classificado: Miguel José Morgado, 7.ºC
- 3.º Classificado: Guilherme Saldanha, 6.ºA

/Infantis B femininos

- 1.º Classificado: Tânia Sofia Marques, 6.ºC
- 2.º Classificado: Ana Luís Nunes, 7.ºC
- 3.º Classificado: Sofia Saldanha, 8.ºB

/Iniciados femininos

- 1.º Classificado: Joana Lopes, 9.ºC
- 2.º Classificado: Ana Marie Almeida, 9.ºA
- 3.º Classificado: Daniela Oliveira, 9.ºA



/Iniciados masculinos

- 1.º Classificado: Ricardo Carvalho, 9.ºC
- 2.º Classificado: Gonçalo Coelho, 8.ºA
- 3.º Classificado: João Sá, 8.ºA

Dr. João Almiro

Nasceu a 24 de Julho de 1926, em Canas de Santa Maria. Formou-se em Farmácia na cidade do Mondego. Regressado ao seu concelho de origem, fundou a primeira farmácia de Campo de Besteiros, seguindo-se a criação dos laboratórios Labesfal e de várias outras empresas. No pleno exercício da cidadania, desempenhou cargos políticos de relevo: foi vereador da Câmara Municipal de Tondela e Presidente da Junta de Freguesia de Campo de Besteiros.

A sua verdadeira obra iria, contudo, surgir longe do mundo dos negócios e da política. No início da década de 70, acolheu em sua casa uma criança abandonada. A esta seguiram-se outras. Era o germinar do “Convívio Jovem”, instituição que erigiu e o levou a deixar todos os confortos para se dedicar aos desvalidos e marginalizados e por eles dar a vida. “Tenho muitas dores de cabeça”, confessa. “Imaginem as discussões entre os rapazes... e entre mim e eles. Sou, contudo, um homem feliz”.

Foi com solicitude e simplicidade que aceitou a dar-nos esta entrevista nas instalações do “Convívio Jovem”, onde passa as vinte e quatro horas do dia com cerca de oitenta jovens. Não deixou de recordar que três dos seus filhos foram alunos do Colégio da Via-Sacra.



Ecos da Via-Sacra— O que pode levar um empresário de sucesso a lançar um olhar sobre os mais desfavorecidos?

Dr. João Almiro— *Sabe... na vida, temos que nos debruçar, primeiro que tudo, sobre os outros. O grande mal de muitos empresários é absorverem-se demasiado nos seus problemas e não olharem para o lado. Eu acordei para isto. Por que é que*

eu olhei para os outros? Por que é que eu os vi? Porque Deus me deu muita fé, Deus esteve sempre comigo. E o que eu faço não é meu; eu sou um simples pincel na mão de Deus e é isso o que eu quero ser. Deu-me a luz para eu ver. Tendo fechado negócios de milhares de contos que me permitiam aumentar mais uma ala ao laboratório, cheguei à conclusão que isso

era maravilhoso, mas não se comparava a pegar num jovem e tirá-lo da vida má e fazer dele um rapaz que se governasse e vivesse bem. Não há dinheiro que se compare com isto.

EV– Como surgiu a ideia do “Convívio Jovem”?

Dr. João Almiro–

Nessa altura, comecei a acompanhar os alcoólicos. Veja: passados estes anos, apoiei perto de mil alcoólicos que se recuperaram. Via, então, o ar de felicidade nos olhos dos filhos, quando o pai se tratava e conseguia manter-se sóbrio. Comecei a estar preocupado com os que viviam ao meu lado. Passei a receber miúdos em minha casa, onde vivia com os meus seis filhos, e a dedicar-me à solidariedade social. E foi daí que nasceu o “Convívio Jovem”.

EV– De que maneira reagiu a sua família, quando se propôs criar esta Instituição?

Dr. João Almiro– *Reagiu muito bem. Como já disse, comecei o “Convívio” em minha casa... Entretanto, os meus filhos casaram, e vi que eram capazes de tomar*

conta dos negócios. Dei-lhes quase tudo, para que eles não pensassem que eu estava a gastar os bens que lhes pertenciam. Apoiaram-me sempre, ao longo da vida. Um dia fiz um campo de futebol para os miúdos e pensei também construir uma piscina. Ouvia muitas vozes à minha volta que julgavam a ideia excessiva. Dei o exemplo:

Os meus filhos estavam casados e tinham uma piscina para os filhos. Se os meus filhos tinham uma piscina para apenas dois filhos e para os amigos, por que é que para cem miúdos eu não fazia uma piscina? Estão a ver o conceito que a sociedade tem dos mais desfavorecidos. Não tinham direito a uma piscina, porque não são iguais aos

outros. Aquela piscina foi realizada com o apoio financeiro dos meus filhos.

EV– Fale-nos um pouco da história do “Convívio Jovem”.

Dr. João Almiro– *A minha casa, a dada altura, tornou-se pequena. Fui para uma quinta viver com os miúdos. Depois, deram-me uma casa em Castelões. Fui para lá com dezassete rapazes. Num quarto pequeno, montaram-se três camas de casal, onde*



“Sabe... na vida, temos que nos debruçar, primeiro que tudo, sobre os outros.”

dormiam doze deles. Era melhor do que dormir debaixo de uma escada ou serem explorados por alguém. Então, sonhei com este edifício, idealizado por mim e por um arquitecto meu amigo. Estou aqui há sete anos, e a casa continua funcional em relação ao que eu pretendo. Cheguei a ter cá cento e catorze jovens.

EV– Para si, qual foi o momento mais marcante de toda esta experiência?

Dr. João Almiro– *Muitos, muitos... Dou-lhes um exemplo: Um jovem que vem com todos os vícios possíveis e imaginários e nós conseguimos recuperar é uma experiência indescritível. O meu lema é este: transformar homens e jovens que vêm marcados, que são vítimas da família e da sociedade. Não quer dizer que um ou outro não tenha uma família bem estruturada. Lá está, são quase sempre vítimas de amor excessivo, sem ordem nem regra. Um pai que dá muito mimo ao filho, supõe que é com mimo que o educa. Tem de dar mimo, sim, o filho tem que sentir afecto, carinho, calor humano, mas tem que ter disciplina. Um mal da nossa sociedade é que não tem disciplina.*

EV– Quais os desafios que hoje se colocam à Instituição?

Dr. João Almiro– *A minha grande preocupação prendia-se com o futuro. Havia que garantir a subsistência*

económica e administrativa do “Convívio Jovem” amanhã, quando eu já não estiver. Repare: eu durmo aqui, passo nesta casa 24 horas e 365 dias do ano. Eu não preciso de guarda-nocturno, eu não tenho enfermeiro... Quando eu faltar, essas pessoas serão necessárias. É preciso mais dinheiro. Criei, pois, a fundação João Almiro para apoiar economicamente a Instituição. Convém referir que integrei o “Convívio Jovem”, há já muitos anos, como valência da Misericórdia.

EV– O que pensa da relação do Estado com as Instituições Particulares de Solidariedade Social?

Dr. João Almiro– *O Estado vê os problemas de muito longe. Os técnicos dominam meia dúzia de teorias, falam muito, mas não têm nenhuma noção da vida prática da sociedade, destes miúdos e dos seus problemas. Se trabalhassem um bocadinho mais e conhecessem melhor as realidades, cumpririam uma missão muito útil para o país, para estes jovens e para as suas famílias. Apetece-me dizer-lhes: “Vão para o campo, vão para o terreno, venham ver, ver, e não criem conceitos balofos. Venham ver como os problemas acontecem na realidade e procurem resolvê-los. Não os resolvam com uma teoria ou com um despacho ministerial”. É uma tristeza que hoje o nosso Estado não tenha capacidade nem ninguém à frente capaz de aproveitar as possibilidades que há de reconstituir, de recompor ou, pelo menos, de reparar as famílias para depois ajudar os jovens. Os*

Dr. João Almiro

jovens são quase todos vítimas de famílias desintegradas, desapoiadas.

EV- Também desempenhou cargos políticos. Como entende a política e que comentário lhe merece a realidade portuguesa?

Dr. João Almiro-

Eu fui vereador antes do 25 de Abril. Antes de 74, pedi a demissão. Entendi que não estava bem. Como vê, era um político independente. Depois fiz outra vez dois mandatos como vereador da Câmara e fui dois mandatos presidente da Junta. Há, hoje, um comportamento distorcido por parte dos agentes políticos: não se trabalha por amor, pelo bem dos outros; trabalha-se quase em exclusivo para a promoção pessoal.



“Um jovem que vem com todos os vícios possíveis e imaginários e nós conseguimos recuperar é uma experiência indescritível. O meu lema é este: transformar homens e jovens que vêm marcados, que são vítimas da família e da sociedade.”

aluno, se está sujeito a uma situação destas? A escola devia ter autoridade, o professor devia ter autoridade e ser sancionado também. Serve para professor qualquer indivíduo que tem um curso! A escola devia ter professores seleccionados

não pelo grau académico, mas pelos efeitos escolares nos seus alunos. Será que os alunos de um professor que tem muitas reparações são todos maus? Há professores com baixas médias de curso que conseguem ter bons resultados com os alunos. É preciso saber orientar, cativá-los, compreendê-los e prendê-los.

EV- Qual a sua opinião sobre a Escola actual?

Dr. João Almiro- *Está a tentar trabalhar, mas encontra muitas forças de bloqueio. Repare: se um professor repreender um aluno ou lhe der um caldo, o pai pode dar-lhe duas bofetadas e levantar-lhe um processo. Como é que um professor pode educar ou interessar-se pela formação de um*

EV- Da sua experiência como educador, o que julga fundamental na formação dos jovens?

Dr. João Almiro- *Há dois aspectos que são fundamentais: disciplina e ordem. Não havendo disciplina e ordem, o jovem nunca faz nada, não é homem amanhã, é um inútil. O papá que faz todas as vontades ao menino não cria o menino, está a estragá-lo. O pai que gosta a sério do filho tem que lhe dar muito amor, naturalmente, mas tem que o disciplinar, ensiná-lo a cumprir regras.*



A minha árvore

Quando era pequenina, tinha uma amiga muito especial, uma árvore. Quando chegava o Verão, ficava muito feliz, pois já podia passar tardes e tardes à sombra da sua copa, saltar sobre o seu tronco desenhado em V, conversar... No Inverno, ficava triste, porque não podia estar com ela quando queria, estava sempre a pensar em vê-la e a pedir aos meus pais para me levarem a casa do meu querido avô, pois a árvore vivia no seu quintal. No Inverno, lembro-me daqueles dias chuvosos que eu passava à janela a contemplá-la e a ver as pingas de água caírem dos seus ramos despidos... Nunca mais me esquecerei daquela árvore.

Tatiana Correia, 6.º B



Porque gosto da minha saúde,
Sou um não fumador.
Quero que o meu coração bata
Como um despertador.

Meus dentes branquinhos estão,
Por isso digo ao fumo que não!
Meus pulmões tão limpos são,
Não os sujo com o carvão.

Longos anos quero viver.
Fumador não quero ser,
Quem fuma pede a morte.
Mas eu não! Quero ser forte.

Para a tua vida durar
Com qualidade e prazer,
Não penses sequer em fumar,
Mesmo se alguém te oferecer.

Fumar faz mal à saúde;
O cigarro parece que engana.
Não fumes na tua vida
Só para julgar que tens fama.

Ana Toipa, Bruna, Daniela, Helena, Maria Inês, 6.º B



**Livraria
PRETEXTO**
www.livrariapretexto.pt

Loja 1
Telef. 232 426 631
Fax 232 425 622
loja1@livrariapretexto.pt

Loja 2
Telef. 232 467 280
Fax 232 467 281
loja2@livrariapretexto.pt



*Pediram-me para falar sobre
paz, mas...*

Paz é uma palavra que nos faz pensar, mas a verdade é que eu não vejo paz há um bom pedaço de tempo. Só se vêem conflitos, guerrilhas ... Ligo a televisão e só vejo: "Atentado no Iraque, morreram 13 pessoas"; "Atentado suicida em Israel, morreram 30 pessoas". Quando pela primeira vez olhei para a televisão, tomando consciência destes acontecimentos, fiquei chocado, mas depois de tantos atentados e tantas guerras, a minha sensibilidade baixou significativamente. Como posso eu falar de paz, se a única coisa que eu vejo é guerra?

Pelo que sei, a paz é o valor mais belo do mundo e apenas pode existir quando as pessoas dão as mãos, deixando no passado os seus conflitos e os seus desentendimentos. Só desta forma poderemos caminhar para a desejada paz.

Paulo Oliveira, 6.º B



Contra a guerra, paz sem fronteiras

Pela paz no mundo
Vou fazer este poema:
“Paz sem fronteiras”,
Este é o nosso lema.

Guerra em todo o lado
Não queremos que aconteça.
Pode ser, se colaborarmos,
Que a paz apareça.

Pobreza e fome
Nós não as queremos,
E se todos ajudarmos
A guerra venceremos.

Entre tragédias,
Guerras e mortos,
Se formos unidos,
Nós seremos fortes.

Na África inteira
E também em Timor,
Há pessoas na miséria
Que não têm amor.

Para estes países
Vamos dar confiança,
Todos os povos
Viverão em esperança.

Contra o racismo
Todos lutaremos
E todas as guerras
Apagaremos.

Diana Cristina, 6.º B



A base arquitectónica de estilo Românico-Gótico remonta ao séc. XIII-XIV, tendo-se a construção prolongado por vários séculos. A sua originalidade resulta, em boa medida, das inúmeras transformações de que foi objecto ao longo dos tempos. A fachada actual, de estilo Maneirista, divide-se em três corpos cujos nichos albergam estátuas dos quatro evangelistas (lateral-

mente), de São Teotónio, padroeiro da Catedral, e de N.^a Sr.^a da Assunção (ao centro). É ladeada por duas torres, a do Relógio Românico-Gótica e a dos sinos, contemporânea da fachada.

Junto à entrada lateral à igreja, estende-se o claustro renascentista, com diversas capelas, portais e túmulos. Revestem as paredes painéis de azulejos que ilustram episódios da vida de S. Teotónio, o Regresso da Sagrada Família do Egito e a Adoração dos Magos.

Entrando no templo, destaca-se a “abóboda de nós” (séc. XVI) e os retábulos em talha dourada. Da zona do transepto, a escadaria de granito dá acesso ao coro alto, ao claustro de cima (obras Barrocas da primeira metade do séc. XVIII) e à varanda dos Cónegos, que faz a ligação à antiga Torre de Menagem (actual residência dos párocos).

Casa do Miradouro

Implantada abaixo do Terreiro da Sé, no Largo António José Pereira, a Casa do Miradouro é uma nobre mansão do séc. XVI.

Foi mandada edificar por D. Fernando Ortiz de Vilhegas, Chantre da Sé e abade de S. Salvador de Castelões, sobrinho de D. Diogo Ortiz Vilhegas, célebre bispo de Viseu.

Deste palácio quinhentista, destacam-se, a nível arquitectónico, as janelas

geminadas gótico-renascentistas e o portal renasçença com o brasão de armas da Família dos Almeidas (datado de 1750).

A Casa do Miradouro tem sido, nos últimos tempos, utilizada para diversos fins:

- Em 1982, foi adquirida pela Câmara de Viseu com o intuito de nela ser instalada a Região Turística de Dão-Lafões, tendo albergado uma vasta exposição etnológica e exposições de fotografia e pinturas.

- Entre 1985 e 1992 serviu o Conservatório Regional de Música Dr. José de Azeredo Perdigão.

- Actualmente, funciona como Delegação Regional do Instituto Português de Arqueologia.

A Casa do Miradouro impõe-se, pois, como uma notável obra do século XVI, constituindo um valioso e importante património da cidade.



Igreja da Misericórdia

A Igreja da Misericórdia está situada em frente à Sé Catedral. A sua construção de estilo “Rocaille” remonta ao séc. XVIII.

A horizontalidade da fachada é apenas quebrada pelas duas torres sineiras.

No interior, um arco cruzeiro separa a nave da capela-mor. Possui três retábulos, um principal e dois laterais, em estilo Neoclássico, pintados a branco e dourado, e telas de motivos religiosos, algumas delas da autoria de António José Pereira (1821-1895). Em termos arquitectónicos, predominam as linhas direitas e a simplicidade decorativa.

No trono do retábulo-mor, pontifica a imagem de N.ª Sr.ª da Misericórdia, do séc. XVIII, protegendo um par de pobres ajoelhados a seus pés.

Na nave, encontra-se a banqueta do órgão Barroco, perdido num incêndio, recentemente.

Breve história do Museu

Em nada surpreende que o pintor Vasco Fernandes, celebrizado no decurso dos séculos com o epíteto de Grão Vasco, seja a referência maior na designação e nos conteúdos do Museu de Viseu, fundado a 16 de Março de 1938, justamente com a finalidade de preservar e divulgar “os valiosos quadros existentes na Sé de Viseu, o tesouro do Cabido da Sé, além de outros objectos de valor artístico ou histórico”. O Museu Grão Vasco teve nas dependências da Catedral o seu primeiro espaço.

O edifício contíguo à Sé, o Paço dos Três Escalões, acolhe desde 1938 as suas valiosas colecções e serviços.

O edifício

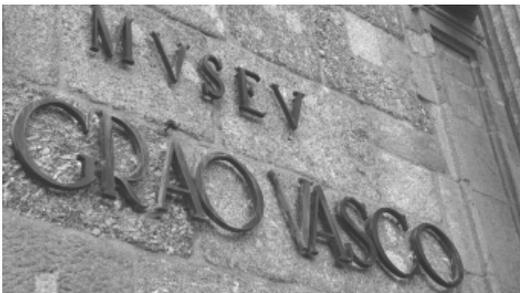
O imponente edifício granítico, cuja construção se iniciou em 1593, no local do paço episcopal, foi na origem destinado a Seminário. À sobriedade e monumentalidade do seu exterior, sobretudo através da extensa fachada norte, correspondem, no interior, extensas galerias de exposição, que se desenvolvem em torno de um pátio central. O projecto de intervenção de que foi objecto entre 2001 e 2003, da autoria do



Arquitecto Eduardo Souto Moura, libertou o interior dos muitos elementos apostos e desvirtuantes, e adaptou-se às exigências de um programa museológico novo.

As colecções e núcleos expositivos

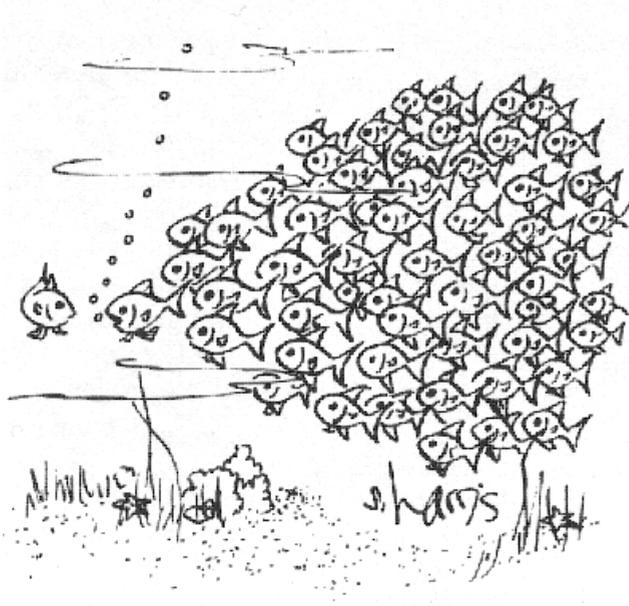
Fruto de muitas acumulações, o conjunto inclui obras de arte e objectos da mais diversa tipologia e cronologia. Da Catedral, do Paço Episcopal do Fontelo, de igrejas e conventos da região da Beira provém a sua colecção mais importante: a pintura de Grão Vasco, dos seus colaboradores e contemporâneos. Nas colecções restantes, predominam variados objectos e suportes figurativos destinados a práticas litúrgicas e de devoção (pinturas, esculturas, ourivesaria e marfins, num arco cronológico muito abrangente, do Românico ao Barroco), uma colecção importante de pintura portuguesa do século XIX com extensão ao século XX, exemplares de faiança portuguesa, porcelana oriental, têxteis, mobiliário e peças de arqueologia.



*Trabalho de pesquisa
Alunos do 6.º C*

Cardume de peixes

O facto de os peixes se deslocarem em cardumes deve certamente ter uma raiz de carácter social, mas deve também oferecer alguma vantagem prática para os peixes. **Qual será a vantagem que os peixes de tamanho e forma aproximadamente igual terão ao nadar em formações regulares e a determinada distância uns dos outros?**



« Tudo começou com o inocente jogo do siga o líder! »

Resposta: Os peixes nadam de modo a poder tirar vantagem dos rastos turbulentos deixados por aqueles que os precedem. Considera um peixe dentro de um cardume: ao nadar, ele deixa um rasto de redemoinhos que se desenvolvem alternadamente nos lados opostos de um eixo que se estende directamente atrás do peixe. Os vórtices têm um sentido de rotação tal que, no referido eixo, obrigam a água a fluir no sentido oposto ao movimento do peixe. Outro peixe que nadasse logo atrás deste teria de despender mais energia, porque nadaria contra a corrente resultante dos redemoinhos. Contudo, se o peixe de trás estiver ao lado do eixo anteriormente referido, estará na zona em que a corrente do redemoinho se move para a frente. Assim, o objectivo do cardume é fazer diminuir, em parte, a energia gasta por todos.

Objectivo: escrever uma mensagem que aparece magicamente.

Materiais:

- « tigela de sopa
- « tintura de iodo
- « limão
- « papel de bloco de notas
- « chávena
- « pincel

Procedimento:

- « Deita 1/2 chávena de água na tigela.
- « Adiciona 10 gotas de tintura de iodo à água e mexe.
- « Espreme o sumo de limão para dentro da chávena.
- « Corta um bocado de papel do bloco de notas. O papel deve caber dentro da tigela.
- « Molha o pincel no sumo de limão e escreve uma mensagem no bocado de papel.
- « Deixa o sumo secar no papel.
- « Mergulha o papel na tigela.

Resultados:

O papel fica roxo, excepto onde a mensagem foi escrita. As palavras estão delineadas pelo fundo escuro.

Porquê? O amido do papel combina-se com o iodo formando moléculas iodo-amido. Estas moléculas são de cor roxa. A vitamina C do limão combina-se com o iodo, formando uma molécula descolorida. A área coberta com o sumo de limão permanece inalterada, porque o papel está revestido pela vitamina C.



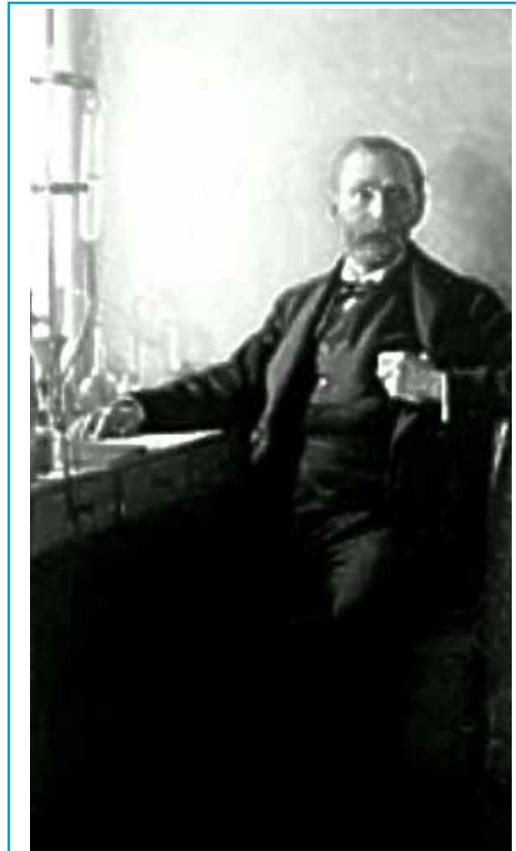


O Prêmio Nobel da Paz

O criador dos prêmios Nobel

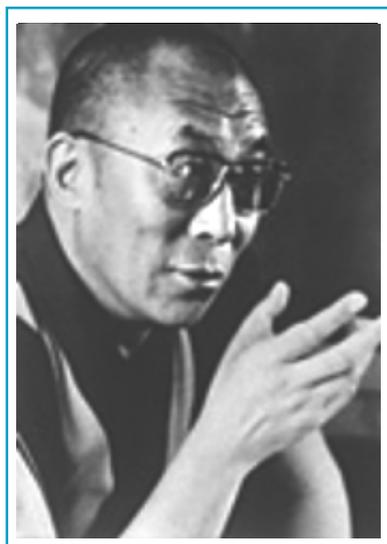
Alfred Nobel, químico sueco e famoso inventor da dinamite, nasceu em Estocolmo em 1833. No seu testamento datado de 27 de Novembro de 1895, dispôs que o rendimento da sua fortuna, quarenta milhões de francos, fosse dividido em cinco partes iguais, constituindo cinco prêmios destinados a recompensar o espírito e a paz nas suas expressões mais sublimes. Assim nasceram os prêmios Nobel da Física, da Química, da Medicina, da Literatura e da Paz. Este último teria que ser atribuído àquele que tivesse agido mais e melhor em prol da fraternidade dos povos, para a supressão ou diminuição dos exércitos permanentes e para a constituição ou propagação dos congressos de paz. Nobel determinou que o prêmio deveria ser atribuído por uma comissão de cinco elementos, nomeados pelo parlamento norueguês, o Storting.

Porque este ano falamos de “Paz sem Fronteiras”, neste espaço daremos a conhecer algumas das personalidades que nos últimos anos foram reconhecidas pelo seu mérito na construção de um mundo melhor e mais solidário.



Madre Teresa de Calcutá, 1979

Agnés Gonxha Bojaxhiu, seu verdadeiro nome, nasceu no ano de 1910 em Skopje (Macedónia, Jugoslávia). Aos 12 anos de idade, quis ser missionária “para propagar” a mensagem de amor a Cristo”. Em 1948, instalou-se em Calcutá, onde vestiu o famoso sari branco com listas azuis que se converteu no hábito da sua congregação, as Missionárias da Caridade, fundada em 1950. Decidiu então mudar o seu nome para Madre Teresa de Calcutá, em homenagem à Santa Teresa do Menino Jesus. Em Calcutá, uma clássica metrópole do Terceiro Mundo habitada por milhões de habitantes onde reina a miséria e as epidemias, dedicou a sua vida aos doentes e aos pobres da Índia. Alugou um convento do século XIX, onde passou a alojar os doentes com tuberculose, tétano e disenteria que os hospitais recusavam. Fundou a Sishu Bhavan, onde alojou crianças abandonadas, ajudou os leprosos, para os quais abriu o Shantinaga, o primeiro de uma série de centros para curar a lepra. Actualmente, a congregação existe em 132 países, dedicando-se também às vítimas do SIDA. Em 1979, o seu trabalho foi reconhecido pela Academia Sueca com a atribuição do Prémio Nobel da Paz. Faleceu aos 83 anos de idade, em 1997.



Dalai Lama Tenzi Gyatsu, 1989

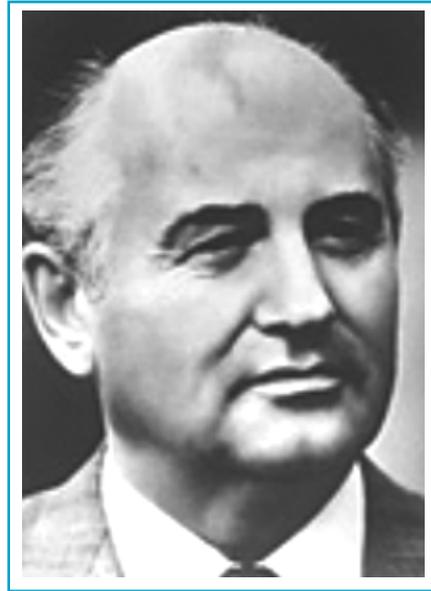
O líder espiritual tibetano, sua santidade o 14.º Dalai Lama Tenzi Gyatsu, nasceu numa família de agricultores de uma aldeia do leste do Tibete. Aos 2 anos é reconhecido por monges como a reencarnação do Dalai Lama. Aos 4 anos é separado da família, enviado para o palácio de Potda em Lhasa, e empossado como líder espiritual do Tibete. Após uma rigorosa preparação, que incluiu o estudo do Budismo, de História e Filosofia, assume o poder político em 1950, ano em que o Tibete é ocupado pela China. Em 1959, depois do fracasso de uma rebelião nacionalista contra o governo chinês, exila-se na Índia. Em 1989, ganha o Prémio Nobel da Paz em reconhecimento pela sua campanha pacifista para acabar com a dominação chinesa na sua pátria. No dia 10 de Dezembro de 1989, aceita o prémio em nome dos oprimidos e também daqueles que lutam por um mundo de paz para o povo tibetano. Nessa ocasião, ele disse: “O prémio reafirma a convicção de que, com a verdade, a coragem e a determinação como nossas armas, o Tibete será libertado. A nossa luta deve ser sem violência e livre do ódio.”

Mikhail Gorbachev, 1990

Mikhail Sergeyevich Gorbachev, nascido a 2 de Março de 1931, foi o último secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, de 1985 a 1991. As suas tentativas de reforma conduziram ao final da Guerra Fria e, ainda que não tivesse esse objectivo, terminou com o poderio do Partido Comunista da União Soviética, levando mesmo à dissolução da União Soviética e à democratização da Europa de Leste.

Gorbachev inscreveu-se no Partido Comunista em 1952, com 21 anos de idade. Em 1966, com 35 anos, completou os estudos no Instituto Agrícola como economista-agrónomo. Começou, então, a progredir rapidamente na sua carreira política. As posições que tomou no partido deram-lhe a oportunidade de realizar viagens a diversas partes do mundo, o que terá influenciado o seu ponto de vista político e social.

Mikhail Gorbachev, com 54 anos de idade, é eleito secretário-geral do Partido Comunista, a 11 de Março de 1985. Sendo, efectivamente, o verdadeiro governador da União Soviética, tenta reformar o partido, que dava então mostras de decadência, ao apresentar o seu projecto que se resumia na expressão “glasnost and perestroika”, abertura e reestruturação. Em 1988, Gorbachev anuncia que a União Soviética passaria a admitir que a Europa de Leste adoptasse regimes democráticos, se os países o desejassem. Isto levou à corrente de revoluções de 1989, nos países de leste através das quais o Comunismo entrou em



colapso. Essas Revoluções realizaram-se de forma pacífica, à excepção do caso da Roménia. Terminava assim a chamada Guerra Fria. A atribuição do Prémio Nobel da Paz a Gorbachev ocorreu em 15 de Outubro de 1990, “pelo seu esforço no processo de paz que hoje caracteriza partes importantes da comunidade internacional”.

TRANSPORTES Neca	COSTA SANTOS, L.ª
MUDANÇAS - DISTRIBUIÇÕES - ARMAZENAGEM	
Telems. 91 7323126 / 91 9542041	
Escritório: Rua João Mendes, 122 r/c Esq. A Telef. 232 422819 - Fax 232 429770 3500-141 VISEU	Armazém: Zona Industrial Santiago Canta Palma, Lote 3 3500 VISEU

Nelson Mandela e Frederik Willem De Klerk, 1993



Na África do sul, no ano de 1911, a minoria branca promulgou uma série de leis que consolidaram o seu poder sobre a população maioritariamente negra. Com a chegada do Partido Nacional ao poder, em 1948, é oficialmente instituído o regime de segregação racial do Apartheid. Este regime impedia o acesso dos negros à propriedade da terra, à participação política, obrigando-os a viver em zonas residenciais separadas. A oposição ao Apartheid toma forma na década de 50 quando o Congresso Nacional Africano (ANC), organização que lutava pelos direitos da população negra, lança uma campanha de desobediência civil contra a segregação racial que o regime impunha. Em 1960, a polícia mata 67 pessoas que participavam numa manifestação em Sharpeville, bairro degradado situado a 80 km de Joanesburgo. O ANC é declarado ilegal e o seu líder histórico, Nelson Mandela, é preso em 1962 e condenado a prisão perpétua. Na década de 80, o regime do Apartheid começa a sofrer pressões internas e externas para a

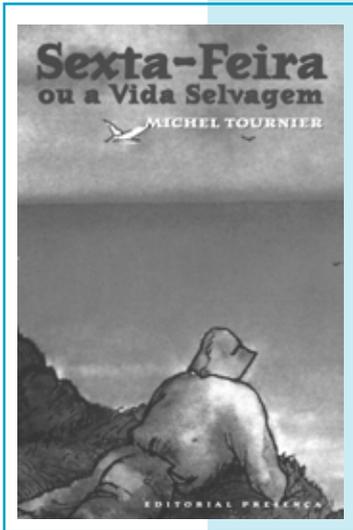
libertação do activista e político sul-africano nascido em Umtata, em 1918, no seio de uma família de etnia xhosa.

Em 1989, o presidente sul-africano Pieter Botha encontra-se com Nelson Mandela para preparar a sua libertação. Mas foi o seu sucessor na liderança do Partido Nacional, Frederik De Klerk, que, em Fevereiro de 1990, anuncia no parlamento as primeiras medidas para pôr fim ao sistema do Apartheid. Nelson Mandela é libertado em 11 de Fevereiro de 1990, assume a liderança do ANC e inicia as negociações com o governo de Frederik De Klerk para a elaboração de uma nova Constituição. O presidente De Klerk pede perdão pelo Apartheid em Outubro de 1992. Um ano depois, De Klerk e Mandela recebem o Prémio Nobel da Paz “pelos seus esforços de paz para o fim do Apartheid e por terem lançado as bases de uma África do Sul democrática”.

Nas primeiras eleições multirraciais, em 1994, Mandela sai vitorioso tornando-se o presidente de todos os sul-africanos.



Sexta-Feira ou a Vida Selvagem



“**S**exta-Feira ou a Vida Selvagem”, obra da autoria de um escritor francês, Michel Tournier, retrata a vida de um marinheiro, Robinson, um dos elementos da tripulação do navio Virgínia, que naufraga numa noite de tempestade. Robinson, o único sobrevivente, foi dar à costa de uma ilha deserta, a qual baptizou de “Speranza”.

Depois de nos embrenharmos nas dificuldades que ele tem de superar, nas suas aventuras e nos conhecimentos que vai adquirindo sobre aquele misterioso e exótico local, surge-nos algo de inesperado... Mais não digo!

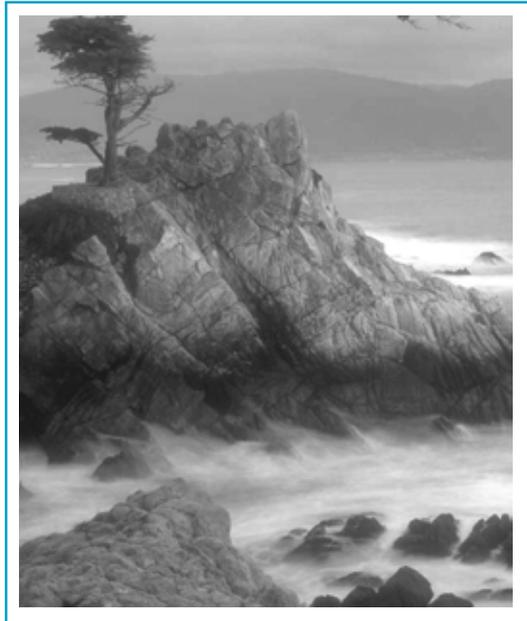
É um livro de acessível compreensão e que entusiasma o leitor. Aceita esta minha proposta!

Vilma Silvestre, 9.ª A

A Ilha do Chifre de Ouro

“**A** Ilha do Chifre de Ouro”, de Álvaro Magalhães, é um livro que fala de um mundo fantástico, onde vivem fadas, elfos, gnomos e anões. Coube à Ana e ao Rui, as personagens principais desta história, a missão de salvarem a ilha. Juntos, conseguiram passar por muitos perigos. A ilha acabou por ser destruída, mas, felizmente, os nossos heróis conseguiram que todos os seus habitantes sobrevivessem e continuassem a sua vida nesse mundo. Ana e Rui regressaram às suas vidas e guardaram as recordações daquilo que parecia ter sido um sonho.

Ana Assis, 5.ª B





9.º ANO... e AGORA?

Depois de ter conversado com alguns dos teus colegas do 9.º ano sobre os seus interesses, medos e expectativas, relativamente ao futuro escolar e profissional, apercebi-me que seria interessante entrevistar alunos que já passaram pelo Colégio e vivenciaram as preocupações desta etapa da vida e da escolaridade.

Conversei com duas colegas vossas que concluíram o 9.º no ano lectivo passado. No que diz respeito à escolha do percurso do secundário, ambas optaram por Cursos Científico-Humanísticos: a Catarina escolheu o Curso de Ciências Sócio-Económicas, e a Tânia, o curso de Ciências e Tecnologias.

Nesta conversa, as tuas colegas falaram dos seus medos e expectativas, da mudança do 9.º para o 10.º ano, da mudança de escola, das desilusões, e também vos deixaram alguns conselhos...

Psicóloga (P) — No ano passado, por esta altura, vocês estavam na mesma situação dos vossos colegas do 9.º ano. Quais eram os vossos principais receios?

Tânia (T) e Catarina (C) — O nosso primeiro receio era, principalmente, a mudança e a adaptação à nova escola e, também, deixarmos alguns amigos, pois nós já vínhamos juntos desde o 5.º ano.

(T) — Eu ainda não estou adaptada à escola...

(T) e (C) — Sentimos muita diferença no relacionamento com os professores e funcionários.

(T) — Não sei, é completamente diferente. Não sabem os nossos nomes, criam uma grande distância entre eles e nós.

(C) — É verdade. No Colégio tínhamos um contacto mais próximo com professores e funcionários. Nesta escola é bastante diferente; às vezes passam por nós e nem sequer nos falam.

(T) — Quando estávamos aqui, queríamos conhecer gente nova e fazer novas amizades. Depois, chegámos lá e foi tudo uma grande desilusão e sentimos muita falta do Colégio... No início deste ano

lectivo, vínhamos ao Colégio praticamente todas as semanas.

(P) — **Mas também há coisas boas...**

(C) — Sim. Não fiquem com a ideia de que é tudo mau! É certo que inicialmente foi uma desilusão. A escola é muito grande, mas nem por isso tem mais coisas que no Colégio. Sentimo-nos desprotegidos, um pouco perdidos, até. Inclusivamente, no início, pensámos em mudar de escola. Nos primeiros tempos, os alunos do Colégio juntavam-se todos. Com o decorrer do tempo, as dificuldades têm sido ultrapassadas, e o facto de termos feito novos amigos tem facilitado a adaptação.

(P) — **E na escolha do curso a seguir, sentiram dificuldades?**

(C) — Neste aspecto, não senti tanta dificuldade, até porque já era algo que eu vinha a pensar há algum tempo...



(T) — Mas uma coisa é certa: pensar no 10.º ano é bem diferente de estar no 10.º ano. É um salto muito grande do 9.º para o 10.º; temos de estudar muito mais! É verdade, podem acreditar!

(P) — **Devem acreditar...**

(C) — Sim, temos de estudar muito mais! Ah!, e se não estiveste atento, tivesses estado!

(P) — **Neste momento, que conselhos dariam aos vossos colegas?**

(C) — Convém ir para o 10.º ano com uma ideia clara do curso que se quer seguir. Neste sentido, aconselho a pensarem bem naquilo que querem, a informarem-se bem. Às vezes, surgem momentos de dúvida e de incertezas. Aconselho também a pensar que as coisas não são como aqui... no colégio.

(T) — Ou pelo menos não as idealizem...

(C) — Ah! Não se esqueçam: Apliquem-se; é preciso estudar muito mais!

MATEMATICANDO

Adivinha!

Sou menor que 100,
Sou um quadrado e não
sou zero,
Sou múltiplo de 16.
Quem sou?

Sou o menor número de
quatro algarismos,
Múltiplo se 99.
Quem sou?

99

Sou par,
Sou menor que 50,
Sou maior que 30,
Sou múltiplo de 7.
Quem sou?

7

Sou múltiplo de 9,
Estou entre 80 e 100,
Sou múltiplo de 11,
Quem sou?

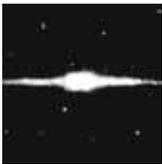
Sou o maior número, de três
algarismos, múltiplo de 35.
Quem sou?



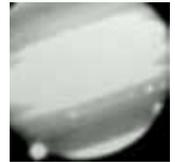
Sou múltiplo de 6,
Sou múltiplo de 4,
Estou entre 100 e 130.
A soma dos números
representados no meu
algarismo dá 3.
Quem sou?

130

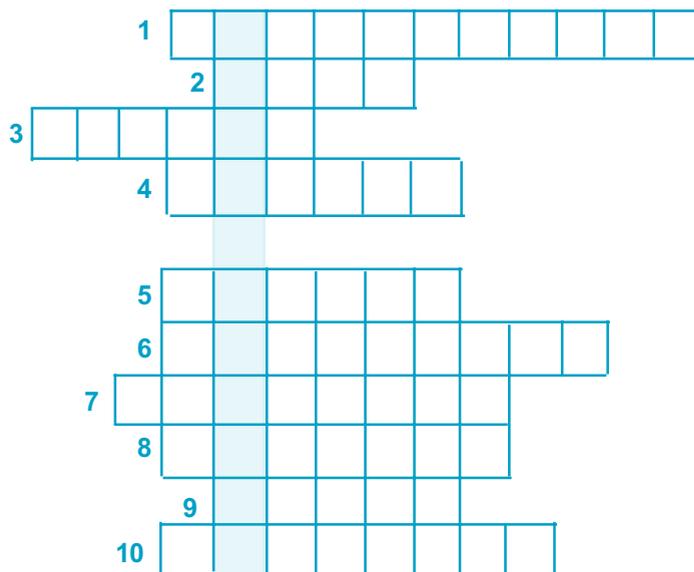
Descobre na sopa de letras o nome das figuras aqui representadas.



I	A	L	A	C	S	D	G	J	I	O	P	S	A	F
J	D	T	A	I	F	O	P	F	R	W	K	L	R	I
U	O	L	G	I	Ç	E	L	O	D	I	A	S	O	T
P	I	R	T	U	A	V	I	L	A	O	P	A	S	Z
I	G	J	P	E	U	T	D	S	A	T	E	R	A	J
F	U	U	A	F	T	E	R	O	Z	F	I	O	T	D
E	L	P	D	G	U	I	A	D	E	S	A	T	U	A
R	D	I	S	T	E	R	R	A	O	R	R	T	R	O
Y	O	T	A	L	U	O	A	R	S	E	R	A	N	P
U	F	E	P	E	T	A	Z	A	S	C	O	L	O	E
N	I	R	A	S	F	E	R	P	O	L	U	S	A	D
M	A	R	J	U	P	I	T	E	I	U	R	A	S	A
D	R	O	F	A	E	T	E	R	S	A	P	S	V	S
O	D	L	A	C	T	E	I	A	D	I	A	S	O	S
I	J	A	D	E	T	O	P	A	V	I	A	D	O	B
S	T	V	I	A	H	L	A	C	T	E	A	J	U	I
A	F	S	A	F	E	R	U	I	Y	T	E	R	A	O



Descobre o que estas capitais têm em comum.



- 1- Tailândia
- 2- Coreia do Sul
- 3- Capital do país mais populoso do mundo
- 4- Filipinas

- 5- Alemanha
- 6- Hungria
- 7- Polónia
- 8- Capital no rio Tamisa
- 9- Capital no rio Sena
- 10- Centro espiritual do mundo católico romano

Para rir...



Um suíço, procurando orientação sobre o caminho, pára o seu carro ao lado de outro com dois alentejanos dentro.

O suíço pergunta:

— Entschuldigung, koennen sie Deutsch sprechen?

Os dois alentejanos ficaram mudos.

— Excusez-moi, parlez vous français? Tentou.

Os dois continuaram a olhar para ele impávidos e serenos.

— Prego signori, parlate italiano?

Nada por parte dos alentejanos.

— Hablan ustedes español?

Nenhuma resposta.

— Please, do you speak english?

Nada. Angustiado, o suíço desiste e vai-se embora.

Um dos alentejanos vira-se para o outro e diz:

— Talvez devêssemos aprender uma língua estrangeira...

— Mas para quê, compadre? Aquele idiota sabia cinco e adiantou-lhe alguma coisa?!



Nos últimos anos, apesar da melhoria verificada nos indicadores de saúde infantil e juvenil, têm emergido novos problemas de saúde, quase sempre multifactoriais, cujas principais determinantes exigem uma abordagem multidisciplinar.

É na infância e na adolescência que se adquirem e se consolidam estilos de vida saudáveis, cuja manutenção ao longo do ciclo vital vai permitir ganhos em saúde e uma utilização mais racional dos serviços.

A intervenção das Escolas, e em especial das Escolas Promotoras de Saúde, ao criarem condições para que os alunos desenvolvam plenamente as suas potencialidades e adquiram competências para cuidar de si, complementada com a intervenção da saúde escolar; ao contribuírem para a redução do risco e da vulnerabilidade perante a doença, para a alteração dos padrões de

morbimortalidade e para a promoção da saúde, devem ser consideradas uma prioridade nacional.

Das opções estratégicas do Ministério da Saúde, a primeira visa precisamente ampliar os ganhos em saúde dos Portugueses, com ênfase para a *“prioridade às acções de promoção da saúde e prevenção da doença”*.

A existência de uma parceria entre os sectores da Educação e da Saúde tem contribuído para uma intervenção específica e ao mesmo tempo complementar, mas continua a ser necessário que os serviços de saúde reforcem essa tendência, e que as Escolas promovam e garantam o cumprimento do estabelecido no contrato de adesão à Rede Nacional de Escolas Promotoras de Saúde — RNEPS.

Entre as diferentes estratégias preventivas dos comportamentos de risco e seus problemas, devem ser privilegiadas as que visam habilitar a criança/adolescente/jovem de meios que o tornem activo e conscientemente construtor das suas próprias defesas, boas opções e saudáveis Estilos de Vida.

A escola é, obviamente, o *“espaço”* e o *“tempo”* de eleição para intervir nesse sentido; ela é um agente privilegiado e insubstituível no processo de formação e desenvolvimento individual e social. Por isso, pensamos que a sua intervenção tem de fazer um compreensivo caminho bem diferente do seguido até há cerca de duas

Intervenção da Escola na Educação para a Saúde

décadas atrás, que utilizava uma pedagogia alheia aos interesses e valores dos jovens, e alicerçada na ciência e experiência vivida pelas gerações dos mais velhos. A escola deve ser, hoje e sempre, um local promotor de saúde de eleição.

Neste sentido, a prevenção na escola é um desafio cada vez mais necessário e com maior oportunidade. *“Se as culturas são património herdado, elas também são património reinventado, consequência de uma reflexão crítica que se tornou interveniente”*. Estimular valores, desenvolver atitudes, fornecer as “ferramentas” necessárias para a criação de respostas adequadas, são aspectos educativos do desenvolvimento pessoal e social que a escola protagoniza no “saber ser” de cada um. Isto passa por um ensino-aprendizagem que toma em consideração as necessidades do aluno, do grupo, da sociedade, numa verdadeira interacção *Escola-Família-Comunidade*.

Assim, pelo exposto, e no contexto desta mesma interacção, somos levados a descrever algumas observações pessoais, quiçá partilhadas por outros Encarregados de Educação, e a ressaltar sucintamente alguns aspectos que elegemos como recomendações a seguir, no âmbito da Educação para a Saúde na Escola.

Observações pessoais

- A percepção dos adolescentes e jovens face à escola é, em geral, positiva;

- De uma forma geral, os professores continuam a privilegiar a sua função de transmissão de conhecimentos académicos; centralizam em si próprios a importância da comunicação e ignoram ou minimizam, muitas vezes, os aspectos relacionais;

- Os adolescentes sentem marcados problemas de comunicação na relação escola-família;

- Existem poucos espaços de diálogo/confidência/partilha no contexto escolar;

- Dado o sucesso da Saúde Escolar estar muito longe do desejado, é necessária a sua reformulação profunda;

- Existem nos adolescentes comportamentos de risco de diversos tipos, sem que os diversos intervenientes na escola os discutam ou previnam de forma persistente e continuada.

Recomendações a seguir

- Deve a escola ser considerada o local de eleição para integrar a prevenção dos comportamentos de risco que grassam na juventude e adolescência;

- Uma vez que os comportamentos de risco tendem a aumentar com a idade, recomenda-se que os programas de promoção da saúde se dirijam à faixa da pré-adolescência, um período em que os “comportamentos mais ligeiros” abrem portas para comportamentos mais graves no futuro, ou mesmo a faixas etárias mais precoces;

- Devem privilegiar-se programas compreensivos de promoção de comportamentos de saúde, numa *educação para a saúde* atenta à vertente pedagógica de um grupo (sobretudo adolescentes) caracterizado pelo gosto de “correr-riscos”, de assumi-los e de os gerir;

- Deve dar-se prioridade a programas educativos compreensivos, simples, concretos e bem adaptados às situações reais, e tendo por objectivo a construção de conceitos, de atitudes e de comportamentos saudáveis;

- Deve ressaltar-se o papel de uma escola dinâmica, participativa, bem integrada na realidade social em que se insere, e interagindo com os “elementos-chave” na educação e promoção da saúde da comunidade;

- Deve, neste contexto, ser preocupação da escola: desenvolver habilidades pessoais nos seus educandos para lidarem com a vida quotidiana; o desenvolvimento de competências sociais; o desenvolvimento da auto-estima e do auto-conceito dos seus alunos; a utilização de metodologias activas e interactivas (espaços para reflexão e discussão sobre a problemática ligada aos comportamentos de risco; incentivação de dúvidas; incremento de uma participação responsável e de compromisso, envolvendo estudantes/grupo/comunidade);

- Recomenda-se, ainda, à semelhança dos Clubes de Natação, de Teatro, de Jornalismo, a organização de um “Clube de Saúde” nas Escolas, que poderia ser da maior importância na promoção de comportamentos saudáveis e na prevenção de situações mais problemáticas; a criação

de uma disciplina de “Educação para a Saúde”, de carácter obrigatório e com avaliação; bem como a implementação de exames médicos e psicológicos mandatórios em vários pontos do desenvolvimento da criança, desde a infância até ao jovem adulto, por forma a facilitar uma monitorização mais eficaz da saúde física e psicológica, assim como uma prevenção mais eficaz de situações de risco.

Pressupõe-se, portanto, uma cada vez maior participação, num trabalho em parceria, não só dos profissionais da educação e da saúde, mas também de profissionais de outras áreas, como sejam da psicologia ou da sociologia, no desenvolvimento e implementação de programas relacionados com a saúde pública.

Carlos Manuel de Sousa Albuquerque



Paz sem Fronteiras

D. Manuel Martins, Bispo Emérito de Setúbal, veio a Viseu para nos falar sobre a "Paz sem Fronteiras".



No dia 15 de Janeiro, D. Manuel Martins, a pedido do Colégio da Via-Sacra, deslocou-se a Viseu para nos falar sobre a "Paz sem Fronteiras", o tema do ano do nosso Colégio. No auditório Engrácia Carrilho da Universidade Católica de Viseu, aquele que é uma das personalidades mais marcantes da sociedade portuguesa não defraudou as expectativas da assistência e deu uma lição de humanismo, fundada nos valores cristãos da solidariedade e do amor, condições indispensáveis para a paz.

À questão "O que é a Paz?", D. Manuel respondeu citando S. Tomás de Aquino: "A paz é a tranquilidade na ordem". E acrescentou mais diante: "A paz não é um estado, é uma conquista". A co-responsabilidade e a educação da consciência foram apontados como os caminhos para a paz. É partindo destes pressupostos e desenvolvendo no homem o amor pelos seus semelhantes que seremos capazes de conquistar a paz. Na perspectiva do orador, a verdade, a justiça, a solidariedade e a liberdade aparecem como os quatro pilares capazes de sustentar a paz. Apenas o respeito por estes valores conduzirá a um verdadeiro bem-estar da humanidade.





ECHOS DA VIA SACRA

Rindo, corrigia os costumes o Esópo da fabula; brincando, vão-se iniciando nas lêtras os futuros cultores delas.

E saber rir a tempo nem sempre é sciencia facil. Miguel de Cervantes Saavedra foi o maior dos escritores hespanhoes porque soube rir e rir a tempo.

Apareceu esta revista, ha cinco anos. E porque era um brinquêdo de crianças o leitor benevolo habituou-se a vêr nela os encantos de meninice. E tolerou-a; e aplaudiu-a; e chegou mesmo a amá-la, temos prova disso.

Mas os anos passaram e as crianças de ha cinco anos vão fazendo-se homens; e a revista, que tambem é obra dêles, vai revestindo as formas robustas da virilidade.

Vão, pois, os “Ecos da Via-Sacra,, entrar na pujança da vida, procurando ser, em mais larga escala, portadores da verdade e mensageiros do bem - unica devisa de quem escreve.

Regosijo-me com este avanço no caminho do progresso e louvo com indisivel entusiasmo

Os progressos da nossa revista

os já esperançosos obreiros dêle, os alunos do meu modesto collegio, e principalmente os que vão comprehendendo melhor o alcance da minha obra e o meu enorme interesse em os ajudar a fazerem-se homens, muito homens. Porque, se fôra só o interesse material, o caminho era outro.

E como os meus esforços, graças a Deus, não téem resultado de todo inuteis — sabem-no alguns pais e sei-o eu — resolvi dar mais incremento a esta nossa revista, não me poupando nem a mais despezas, nem a trabalho, e pedindo até colaboração extranha, que venha amenisar a aridez dos nossos artigos de casa e dar-lhe a nota de interesse que nós lhe não podemos dar.

Agora só nos resta fazer um apêlo á generosa benevolencia do leitor e protestarmos os nossos agradecimentos muito sinceros aos nossos amaveis e distinctos colaboradores pela tão subida honra do seu favor.

A direcção